

DYNAMITE

Rock Way of Life 13 anos! - www.dynamite.com.br



**WRY e DANCE of DAYS:
Eles dão as cartas**

**Posters:
Forgotten Boyz
&
Calendário
2006 Dynamite**

**Cidadão Instigado - Nada Surf - Sepultura - Richard Ashcroft
Acuri - Batmobile - Ratos de Porão - Fireball Ministry
CPM 22 - Apside - TNT - Claustrofobia - Fungos**

ÍNDICE

12 - Nada Surf



16 - Claustrofobia



17 - Sepultura



18 - Batmobile



20 - Dance of Days



23 - Richard Ashcroft



24 - Fireball Ministry



29 - Apside



30 - Cidadão Instigado



32 - Wry



36 - Acuri



38 - Fungos



40 - CPM 22



42 - TNT



43 - Ratos de Porão



04 - Boom!

06 - News

10 - Play

10 - Mural

25 - Pôster

44 - Ears Up

48 - Eyes Up

49 - Demoterapia

50 - Jukebox

DYNAMITE

CARTA DO EDITOR: Burocracia na música

Carta do Editor, Editorial, Carta ao Leitor, Carta da Redação. O nome muda de acordo com a publicação e, muitas vezes, a idéia original desta seção – um canal direto entre o responsável pela publicação e o público – se perde. Historicamente, o Editorial serve para o veículo de comunicação dar sua opinião sobre algum assunto importante. Hoje, muitos usam o espaço simplesmente para dizer o que o leitor vai encontrar na revista e fazer autopropaganda.

Ao contrário do que venho fazendo desde que assumi a edição da Dynamite, em meados do ano passado, desta vez vou contra meus princípios e usarei este espaço para falar da revista. Mas o motivo é mais que justo: a Dynamite está de cara nova. Depois de uma fase de transição com percalços, porém vitoriosa, finalmente a revista ficou pronta para mudar. E mudou. Mas não se assuste! Não vamos alterar o foco da revista e falar sobre funk, pagode, axé ou música sertaneja. Vamos continuar fiéis ao rock e às suas vertentes, e sempre ligados nas novidades que pintam o tempo todo no underground brasileiro e internacional.

A base continua a mesma, mas o tamanho... Até o leitor mais desatento já percebeu que a revista mudou para o formato-padrão, visando facilitar o manuseio e fazer com que ela seja mais fácil de carregar. Dica: a Dynamite é ótima para ler no ônibus, metro e até no banheiro! Mas também não vamos mudar tanto assim... Seria um sacrilégio tirar da revista seções consagradas como Ears Up e Demoterapia, com suas indefectíveis notas-bombinhas. Mas facilitar a leitura é sempre bom – dê uma olhada no novo visual da revista.

Não vou mais falar das novidades para não estragar as surpresas que as próximas páginas trazem. Se as mudanças fizeram da Dynamite uma revista melhor, somente você, leitor, pode julgar. E xingamentos são tão bem-vindos quanto críticas e elogios. Mas deixe minha mãe fora dessa! Abraço e boa leitura!

Elcio Cabral
(elcio@dynamite.com.br)

DYNAMITE

O site da revista Dynamite (www.dynamite.com.br) também mudou e está cada vez mais ágil, mais fácil de navegar e mais bonito. Além de notícias diárias sobre o mundo da música, lá também é possível achar mais resenhas de lançamentos de CDs e de demos. Navegue!



Erramos:

Na edição 87, a foto da nova formação da banda Homem do Brasil não foi publicada. Da esquerda para a direita, os integrantes são: Ale Vitali (violão), Gui Vitalli (bateria), Samuel Mota (baixo) e Marcelo Guanabara (teclado).

Motoboy também é rocker

Por Cristina Ludwig e Marcello Zoppi

Entre os dias 27 e 29 de janeiro aconteceu a primeira edição do Motoboy Festival. Sabe o que isso significa? Sim, muito rock'n'roll, mulheres, além, é claro, de um grande evento voltado para os mais de 200 mil motoboys que trabalham em São Paulo.

As atrações foram os desfiles do concurso Musa Motoboy, a banda da roqueira baiana Pitty (na sexta) e da banda Detonautas Roque Clube (sábado). Os shows duraram cerca de uma hora cada. Mesmo com um público reduzido por causa da chuva, as apresentações foram empolgantes. As duas bandas subiram no palco e atenderam a pedidos do público. O destaque foi para o vocalista Tico, do Detonautas, que dançou, pulou e se jogou cantando clássicos dos dois CDs, além de uma inédita que estará no próximo trabalho.

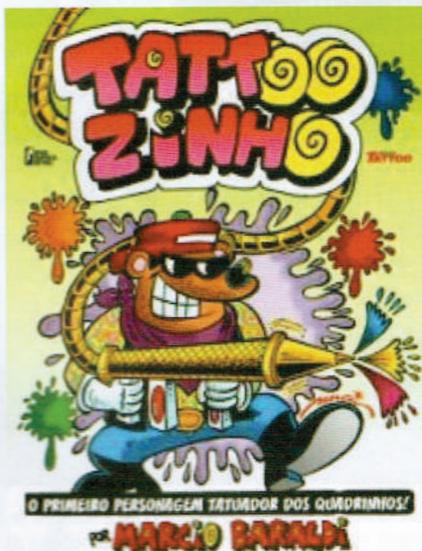
O show da Pitty faz parte da divulgação do novo CD, "Anacrônico", o álbum que sucedeu o sucesso de público e crítica "Admirável Chip Novo". Com muito uísque antes e depois, os Detonautas receberam a imprensa e, em clima de descontração, disseram que esse foi o último show da banda em São Paulo antes do lançamento do CD, que deve sair ainda em fevereiro.

O evento ainda contou com acrobacias de motocicletas, gincanas, palestras e um desfile produzido por uma agência de modelos que elegeu a Musa Motoboy.



Cartunista da Dyna, Baraldi é premiado

O cartunista oficial da revista Dynamite (veja tira à página 10), Marcio Baraldi, ganhou em fevereiro o Prêmio Angelo Agostini como Melhor Lançamento de 2005 pelo seu livro "Tattoo Zinho". O Angelo Agostini é um prêmio voltado para os profissionais dos cartuns, um verdadeiro Oscar dos Quadrinhos Brasileiros. Esta foi sua 22ª edição, sendo esse a premiação mais antiga do gênero do Brasil. Já foram contemplados, em outras ocasiões, artistas como Ziraldo, Maurício de Sousa, Henfil e Paulo Caruso.



Este é o sexto Agostini que Baraldi ganha e o terceiro consecutivo na categoria. Em 2003 ele foi premiado com os livros "Roko Loko e Adrina Lina" e, em 2004, com "Roko-Loko Ataca Novamente". Todos eles foram lançados pela editora Opera Graphica. A festa de entrega dos aconteceu no dia 18 de fevereiro, no Senac da Lapa, em São Paulo.

Sony cria selo gay

Ser gay está na moda. E a gravadora Sony aproveitou a onda e criou um selo exclusivo para artistas gays, o Music With A Twist. O responsável pelo projeto é Matt Farber, o mesmo que criou o canal Logo, uma versão gay da MTV nos Estados Unidos. O Music With A Twist lançará trabalhos de artistas gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Até o fechamento desta edição não houve nenhuma confirmação de quais artistas lançarão CDs pelo selo.

Antes disso, o famoso Jello Biafra, vocalista do Dead Kennedys, já havia colocado bandas gays em seu selo independente, o Alternative Tentacles. A banda que alcançou mais fama pelo selo de Jello foi o Pansy Division, que abriu diversos shows para o Green Day.



Rock invade semana de moda de São Paulo

Depois de Los Hermanos, Borderliners e Twinpines, os sorocabanos (londrinos?) do Wry fizeram a trilha sonora ao vivo de um desfile de moda no São Paulo Fashion Week, no dia 19 de janeiro. Em um evento que mostrou a volta do visual rocker como tendência de moda, a marca Eil-lus aproveitou o hype da banda e os convidou para tocar durante o desfile.

O Wry tocou músicas do recém-lançado "Flames in the Head", que teve produção assinada por Tim Wheeler (líder do Ash) e Gordon Raphael (que produziu os dois primeiros dos Strokes).

Outra banda que aproveitou e ganhou uns trocados na SPFW foi o paulistano Cansei de Ser Sexy. Eles se apresentaram no dia 23 de janeiro no Lounge Melissa. A cantora de MPB Maria Rita também cantou ao vivo em um desfile.



“Você é o que está a sua volta”

Por Luciano Santos



Fotos: Divulgação

A banda de brasileiros radicada em Londres já colhe os primeiros frutos aqui e no exterior

Cantar em português ou em inglês? Essa sempre foi uma das maiores discussões da música brasileira, em especial em ritmos surgidos no exterior. A contenda acontece principalmente com bandas que tocam punk-rock, british rock e indie. Mas o fato é que, ao montar uma banda, poucas pessoas já têm essa questão resolvida. E não há lado certo nessa discussão: o que importa é o resultado final.

O Wry foi uma das bandas que desde seu início optou pela língua da terra de Shakespeare – e, claro, do Tio Sam. Isso pode ter acontecido porque, no inconsciente dos integrantes, eles já sabiam que sobreviver de música no Brasil cantando em inglês seria muito difícil ou talvez por que eles não queriam ser mais uma banda indie cantando em inglês no Brasil. Então eles foram para Londres.

Desde que eram uma promessa nacional, com uma fita cassete lançada e dois CDs (um já pelo atual selo da banda, o Monstro Discos), até hoje, quando já são uma promessa na terra do Big Ben, a banda batalhou bastante. O CD mais recente, “Flames in The Head”, foi produzido por

Tim Weeler (vocalista do Ash) e Gordon Raphael (produtor dos primeiros dois trabalhos do Strokes), além de ter sido masterizado por Robin Springall (REM, Pavement e Suede). O disco saiu com acabamento de luxo, em embalagem digipack, e também um compacto em vinil com três faixas - uma delas não está no CD.

Ainda em 2006 a banda fará parte de três coletâneas: “50Minutes”, da Anistia Internacional, onde foi gravada uma música nova de 1 minuto chamada “When I Go”; outra em homenagem às shoegaze e indie bands dos anos 80 e 90, chamada “Never Lose That Feeling”, na qual o Wry tocará “Some Candy Talking”, do Jesus and Mary Chain; e ainda outra coletânea, “Sound Issues”, onde bandas famosas ou não tocam versões ao vivo de suas músicas - nesse caso o critério é já ter tocado no Buffalo Bar, em Londres.

Só esses três convites já mostram como está o hype da banda – mas se você quiser conferir, basta dar uma olhada nas publicações sobre música indie aqui e em Londres para conferir como anda a moral do Wry. A banda fez, no ano passado, uma turnê brasileira, passando por nove

idades e tocando ao lado de diversas bandas. Para completar, ainda tocou na edição do São Paulo Fashion Week no mês de janeiro. Hype pouco é bobagem.

A Dynamite conversou com o vocalista e guitarrista Mário Bross sobre o passado, presente e futuro da banda. E descobriu que o sucesso não subiu à cabeça da banda.

Dynamite - Como é conviver com artistas que vocês admiravam e hoje trabalham, como no caso do produtor do CD novo?

Mário Bross - É ótimo por eles passarem tantas experiências para você e contarem coisas sobre casos que você leu na revista e tal... É muito legal e inspirador. Gordon Raphael é da época que o grunge estava começando e, um pouco antes, o Green River gravou com ele. É amigo de Kurt Cobain e de outras pessoas. Tim é da nova guarda, vi fotos do Ash quando eram apenas crianças tocando. Nós nos tornamos amigos, mais que o normal em uma relação produtor-banda. Ainda usamos todo o equipamento do Ash.

Dynamite - Muda alguma coisa para a banda



trabalhar com medalhões da produção mundial?

Mário - Sim, eles dão opiniões mais certas, já que vivem nisso e são de países com berço de rock, onde o sangue é composto de rock'n'roll e somente rock'n'roll. O Tim veio no nosso estúdio assistir um ensaio antes das gravações, deu dicas e tal e ficou comigo por cinco dias, quase que 24 horas diárias, e foi sempre muito atencioso e cheio de energia. Com o Gordon foi uma coisa mais low-fi, ele fazia tudo muito rápido dentro de seu próprio estúdio. Na verdade, parecia até um mago produzindo. Ele tocou sintetizador em duas faixas. E o Tim fez backing vocals em três faixas.

Dynamite - Você tem notado alguma postura mais agressiva em relação ao racismo na Europa, principalmente em Londres? Depois que ocorreu o caso do brasileiro assassinado aí no ano passado (Jean Charles, confundido num metrô com um membro do terrorismo do Al-Qaeda) e os violentos casos na França contra imigrantes? Você acha que por serem brasileiros as pessoas tratam vocês de maneira mais agressiva?

Mário - Sinceramente, não. Acho que tudo faz parte da matemática. Já é de se esperar algo assim. Mas comigo e conosco aqui não rola racismo, mas sim mais curiosidade em saber de nossa situação quanto cidadãos estrangeiros. Talvez com o povo árabe, dos homens-bombas suicidas, role um tipo maior de preconceito. Sem dúvida, está mais difícil para um brasileiro entrar na Inglaterra, devido a todo o terrorismo que está acontecendo. Mas, no geral, está mais difícil para qualquer um que não faça parte da Europa entrar aqui.

Dynamite - Quando vocês decidiram que permanecer no Brasil seria mais difícil que se

mudar para outro país?

Mário - Essa realmente foi a melhor escolha que fizemos. Estávamos em alta no indie nacional, tocamos no festival Circadelica em 2001, onde estavam mais 4 mil pessoas, e tínhamos lançado "Heart-Experience", que foi bem aceito pela crítica e pelo público. Vir para a Inglaterra fortaleceu meu modo de compor música - o mesmo para os outros da banda. O nome do Wry cresceu com a nossa vinda pra cá.

Dynamite - Conte um pouco como foi a turnê de mais de um mês que vocês fizeram no Brasil, que passou por nove cidades e teve 16 shows. Houve alguma surpresa? Em algum momento a banda pensou se valeria a pena esse tempo no Brasil?

Mário - Não, em nenhum momento pensamos que poderia não valer a pena e não ter ninguém.

Sabemos onde estamos e eu, particularmente, sou muito observador e atencioso. A única interrogação era: 'será que o promotor será bom o suficiente?' É lógico que poderíamos tocar pra poucas pessoas em lugares que nunca tínhamos ido antes, mas isso não ocorreu. O público dessa turnê variou entre 200 e 1000 pessoas. Nunca tivemos aquela sensação de clube vazio. Foi uma turnê bem legal - mesmo com shows cancelados por motivos obscuros -, onde vimos as pessoas cantar junto músicas novas. Isso me deixou boquiaberto!

Dynamite - A diferença entre "Heart Experience" (o segundo trabalho da banda) e o CD atual, "Flames in the Head", é muito grande. No segundo houve mais experimentações, cordas, andamentos diferentes, um flerte maior com o experimental. No trabalho mais recente nota-se uma linha mais brit pop. A diferença de produtores determinou essa diferença ou com o passar dos anos houve uma mudança de direção do trabalho da banda?

Mário - O que houve foi um descobrimento do que realmente queremos fazer. Rolou um estudo sobre composição e houve a influência de onde vivemos, afinal você é o que está a sua volta. Na minha volta está todo o som da Inglaterra em rádio, TV e revista, 24 horas por dia. As bandas que ouvimos muito em 2004 e 2005 foram basicamente The Cure, Beatles, My Bloody Valentine, Walkmen, Bloc Party e Nirvana. Talvez isso também tenha influenciado. Quando os produtores vieram as músicas já estavam prontas.

Dynamite - As bandas inglesas e americanas travam uma batalha "surda" para ver quem vai ser a próxima salvação do rock - ao menos para a imprensa. Quem vai ser a próxima salvação do rock? E como vocês se colocam dentro desse contexto? O Wry é uma banda



que já é uma realidade dentro do cenário inglês ou falta muito para atingir esse patamar (o do Babyshambles, por exemplo)?

Mário – Sim, com certeza o Wry é uma banda do underground londrino, onde muita gente já conhece, mas não do “cenário” inglês - ainda! Temos público, somos bem relacionados e temos ótimas críticas da imprensa. Mas para chegar a uma coisa parecida com Babyshambles falta eu usar bastante heroína e começar a sair com uma modelo, de preferência de baixa estatura como a Kate Moss (risos). Nosso trabalho novo nem ainda chegou por aqui, quando terminamos as gravações o álbum já iria sair logo no Brasil e fomos para a turnê. Mas em 2006 vamos trabalhar a Inglaterra e acreditamos que temos o potencial de atingir uma coisa parecida com a do Bloc Party ou Razorlight.

Dynamite - No site oficial está escrito que vocês gravaram o terceiro e o quarto CDs ao mesmo tempo. O próximo trabalho já está pronto e vai ser lançado ainda em 2006?

Mário - São gravações feitas entre 2002 e 2005. Nelas estão “Speedfreak”, uma música de 2002 que bastante gente gosta e que nunca saiu em CD; tem também diversas outras “raridades”, inclusive remixes e “live sessions”. Iremos, sim, lançar outro disco antes do meio do ano.

Dynamite - Porque o nome do CD é “Flames in the Head”?

Mário - É o título geral das letras e de todo o trabalho. As “chamas” (flames) é o apelido que dei a complexidade de se viver em conjunto e num país que não é o seu. Elas seriam os problemas que eu tive ou vivi. Todas as músicas do álbum novo falam de coisas reais que aconteceram comigo ou ao meu redor – de pessoas que se foram, de outras que vieram e que tentaram me derrubar ou acabar com a união que a banda tem. O CD conta a história de desespero, saudade e alegria que a



pessoa pode sentir morando num lugar totalmente estranho ao que está acostumado.

Dynamite - Como aconteceu o convite pra tocar no São Paulo Fashion Week? Vocês ainda estavam no Brasil?

Mário - Sim, estávamos em Salvador mais precisamente. Alexandre Youssef, que também escolhe bandas pra alguns grandes festivais brasileiros, nos chamou e aceitamos rapidamente. Tem a ver com sugestões de amigos ou conhecidos mútuos como Cassio, um ator de teatro e o jornalista Lucio Ribeiro.

Dynamite - Você pode citar algumas das bandas que impressionaram o Wry durante a última turnê no Brasil?

Mário - Lógico! Os Telepatas, de São Paulo, estouraram minha cabeça. Eles fazem um som que, às vezes, lembra o shoegaze e psicodelismo indie. O Ludovic (SP) faz um punk super anos 2000,

que eu amei. Volpina de Sorocaba detonam num som único e pancada na cabeça. E eu não poderia deixar de citar os Mellotrons de Recife que, meu Deus, são ótimos! Me lembrou Ride e Primal Scream com um toque indie nacional. A ESS, de Curitiba – que eu já tinha o CD-, mostrou-se muito bom ao vivo!

Dynamite - Vocês já estão conseguindo viver de música na Inglaterra ou todos precisam ainda de um emprego formal para sobreviver?

Mário - Uns sim, outros não, mas é somente questão de tempo. Eu trabalho com música, promovo duas noites por aqui. Uma semanal no Buffalo Bar, que é a Goonite, e outra mensal no Garage, chamada Take Me to the Other Side. Agendo as bandas, DJs e também sou DJ por aqui semanalmente. Os outros da banda ou estudam engenharia de som e inglês, ou seguram um trabalho de meio período num café. Está tudo bem tranquilo e estamos conseguindo gerenciar toda a situação facilmente. Ter banda por aqui é bem considerável.

Dynamite - A banda está em Londres há três anos. Já assimilou algum hábito que antes vocês não tinham aqui no Brasil?

Mário - Com certeza, como comer feijão, bacon, ovo, cogumelos e café de manhã até umas 2 horas da. Dormir mais cedo. Curtir mais os dias da semana que o fim de semana. Os shows acontecem nos dias de semana por aqui. Sábado fica pros clubs ou esporádicos shows. Falar ‘por favor’ pra tudo e qualquer coisa. Falar ‘posso ter uma coca-cola?’ ao invés de ‘me veja uma coca-cola?’ (risos). Não me lembro de outras coisas bobas que mudaram no nosso comportamento, mas isso é inevitável quando você mora em outro lugar. Acontece com qualquer um, ainda mais se você se deixar levar e viver realmente onde você está. ☛

